

A CORAGEM DE MORRER: Análise de aspectos da morte entre o cristianismo e o budismo amidista

Elton Vinicius Sadao Tada*

RESUMO

O presente trabalho tem como intenção colocar em diálogo a noção de morte do budismo amidista japonês com noções cristãs sobre a morte. Para tanto serão apresentados alguns traços do pensamento de Hōnen Shonin e da Jodo Shu. Depois devem ser apresentados aspectos gerais sobre a morte no cristianismo. Por fim serão relacionados olhares amidistas e cristãos sobre a morte e questionados sob o conceito tillichiano de ansiedade da morte e do destino. Assim, constrói-se uma perspectiva inter-religiosa sobre a coragem de morrer e a esperança da vida após a morte.

Palavras-chave: Morte; Budismo amidista; cristianismo; Paul Tillich

THE COURAGE TO DIE: ANALYSIS OF ASPECTS OF DEATH BETWEEN CHRISTIANITY AND AMIDIST BUDDHISM

ABSTRACT

The present work aims to dialogue the notion of death in the Japanese Amidist Buddhism with Christian's notions of death. The thought of Honen Shonin and Jodo Shu will be showed. Then, general aspects of the death on Christianity will be indicated. By the end, the Amidist and the Christian view on death will be related and questioned by Tillich's concept of anxiety of death and fate. By this way, we can construct a inter-religious perspective about the courage to death and the hope of life after death.

Keywords: Death; Amidist Buddhism; Christianity; Paul Tillich

* Teólogo. Mestre e doutorando em ciências da religião pela Umesp. E-mail: eltontada@yahoo.com.br

Introdução

Viver e morrer são aspectos amplamente trabalhados pelas mais diversas tradições religiosas. Mais do que isso, o bem-viver e o bem-morrer são tópicos constantes. O que nem sempre se vê quando se está inserido em alguma tradição religiosa específica é que a ideia de morte possui amplas consequências de doutrina e prática religiosa, assim como doutrina e prática religiosa influenciam muito na relação que o indivíduo estabelece com a morte.

O presente artigo pretende mostrar através de um olhar das ciências da religião como a morte é trabalhada em duas tradições religiosas, o cristianismo e o budismo. No que diz respeito ao cristianismo vários pontos de vista serão abordados através das correntes históricas e das linhas teológicas. Já no que se refere ao budismo será trabalhado especificamente com o budismo amidista japonês, compreendendo então as escolas da Terra Pura, especialmente aquela que deriva do patriarca Hōnen Shonin (1133-1212), a Jodo Shu.

Nesse diálogo entre tradições religiosas diferentes o conceito tillichiano da “coragem de ser” será trabalhado de modo a especificar as maneiras de enfrentamento da morte em cada tradição. Assim, o trabalho não trata apenas da noção de morte, mas de como o indivíduo cristão ou budista se relaciona com a mesma do ponto de vista de seus princípios religiosos.

De maneira consciente e declarada o presente artigo tem como pano de fundo o interesse na proposta de um diálogo inter-religioso a partir da temática da morte, pois esse é um termo que permite ao redor de si a circulação de ideias como a da finalidade da vida, da salvação, da memória e do culto aos antepassados.

A morte a partir de Hōnen Shonin e da Terra Pura

Hōnen Shonin é o monge que estabelece a prática do Nembutsu, a recitação do nome do Buda Amida, como prática central do budismo da terra pura. Dele deriva a escola da Jodo Shu, uma linha de budismo recitativo japonês que muito contribuiu para a expansão do budismo no Japão. Um dos discípulos diretos de Hōnen Shonin, chamado Shinran Shonin (1173-1263) efetuou uma espécie de reforma no pensamento de seu mestre, o que acabou ocasionando no surgimento da escola

JodoShinshu, conhecida como a escola da verdadeira terra pura. Seja a partir da linhagem direta de Hōnen – Jodo Shu – ou das linhas da reforma de Shinran – Nishi e Higashi Honganji – o budismo amidista recitativo se expandiu e se popularizou no Japão a ponto de alcançar tanto espaço nas práticas religiosas imperiais quanto nas práticas dos camponeses das regiões mais interiores do Japão.

Antes de se discutir a relação teórica da linha da Terra Pura em relação com a morte é interessante notar como a tradição narra a própria morte do patriarca Hōnen. Conta-se que o monge estava acamado e quando notou a proximidade da morte começou a recitar o Nembutsu ininterruptamente. Assim permaneceu por dias até que ele próprio narrou que aquele seria o modo correto de se aproximar da morte, que a prática do Nembutsu era de fato a prática correta e adequada.

É necessário que se entenda o contexto histórico do Japão no momento da pregação e do estabelecimento da prática recitativa de Hōnen Shonin. O século XII marcou o Japão com uma diversidade de motivos que faziam com que a percepção de morte fosse algo bastante próximo. Por um lado existia o risco de doenças epidêmicas, enquanto por outro existiam confrontos e guerras que ceifavam a vida de muitos.

Resumidamente, nos tempos de Hōnen a morte abandonou as boas maneiras e não hesitou em passear no cotidiano diário. Não era tempo de religião abstrata, mas era tempo de crise. O topo da agenda popular estava a viabilidade de formas de se escapar da língua ligeira e ramificada da morte” (MACHIDA, 1999, p. 26).

A partir de tal constatação faz sentido que a proposta religiosa de Hōnen seja voltada à prática recitativa, deixando de lado as elucubrações reflexivas que podem circundar o ambiente religioso.

David J. Brazier, um budista amidista líder de uma comunidade chamada “Ordem Amida” (Amida order) no Reino Unido, que outrora foi ordenado na ordem Soto Zen e professor da JodoShinshu, explica que a morte é um elemento necessário de conexão com outros aspectos da vida:

A aproximação da morte é um momento intimamente relacionado com a intensidade do sentimento de amor. Os budas ensinam a impermanência. Para mim parece que existem duas formas de entendermos o significado

desse ensinamento. Um caminho é vê-lo como uma dessensibilização. Funciona assim, quando algo dá errado pode-se dizer “ah, é a impermanência”. [...] Há uma segunda maneira de entender a constante reiteração de Buda a anitya, anitya. Anitya, impermanência, mais pessoalmente significa morte – nossa própria morte, a morte de quem conhecemos e nos importamos, a morte de todos. Todos os seres sencientes morrem. Em proximidade à morte sentimos amor. Se nunca morrêssemos, amaríamos? Poderíamos desejar amar, mas amaríamos? Existe uma conexão entre o amor e a morte. Há também uma conexão entre amor, morte e esfera espiritual. Talvez, Buda ensinou sobre anitya para nos despertar para o amor (BRAZIER, 2008, p. 103).

A relação da morte com elementos da vida no amidismo pode apontar para a centralidade de tal temática nessa tradição, e até mesmo no processo hermenêutico que os religiosos da Terra Pura fazem de noções e conceitos budistas, tal qual Brazier fez do termo anitya.

Existe um elemento comum na religiosidade amidista que nem sempre é verbalizado: a necessidade de esperança na Terra Pura por conta da crença na impossibilidade de libertação/salvação por conta própria.

Nesse sentido, sou como Shinran, que em seu desespero concluiu que ele não tinha escolha a não ser seguir o caminho da Terra Pura proposto por seu mestre Honen. Eu também fiz a meditação de auto empoderamento, mesmo não sendo pelos vinte anos que Shinran tentou, e estou ciente de minhas limitações a esse respeito: não me salvarei por conta própria nessa vida por minhas meditações (BECKER, 2008, p. 79).

Essa confissão de Becker, seguindo a linha da confissão de Shinran, pode trazer à toa uma reflexão específica sobre a necessidade de imediatez na esperança de salvação e na forma como os budistas da Terra Pura se relacionam com a morte. Como não há alternativa de salvação vislumbrada a partir de outras práticas, como a meditação, então recorre-se a recitação do nome do Buda Amida, no qual se firma a esperança libertadora.

A morte no cristianismo

Não existe um caminho solo e definitivo para se falar da morte no cristianismo. São possíveis abordagens a partir da história dos cristianismo, da hermenêutica bíblica, da dogmática, e da prática de vida do

cristão de determinada comunidade. Aqui, de modo conscientemente abstrato, pretende-se entender a morte de uma perspectiva mais teológica, sobretudo no que diz respeito a cristologia e a soteriologia. A morte, no cristianismo, está intimamente ligada ao plano salvífico personificado em Jesus, o Cristo.

Cristo supera a morte. Isso é feito tanto em narrativas maravilhosas nas quais ele traz pessoas mortas para a vida, como no caso da filha de Jairo (Mc 5:41-43) e da ressurreição de Lázaro (Jo 11:43-44), quanto na narrativa de sua própria ressurreição, eternizado no credo apostólico¹ sob a fórmula “padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia;”. Nas formulações teológicas a ressurreição está próxima e intimamente ligada ao evento da morte de Jesus. Quando o assunto da morte é tratado normalmente se trabalha também a ideia de ressurreição. Disso deriva-se a ideia de que Cristo venceu a morte, que se encontrou com ela e retornou à vida.

A relação do cristianismo com a morte é especialmente interessante quando se nota que inevitavelmente a pessoa que morre se destinará para um céu ou um inferno. Por mais que existam estágios intermediários, o fim todo se aponta para a vida eterna metaforizada na noção de céu ou para a morte eterna representada pelo inferno. Assim, a vida do cristão passa pela morte, mas não se destina a ela, e sim aos locais que o pós-vida oferecem. Daí entende-se a formulação paulina contida em sua carta aos filipenses “porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1:21).

A noção de vida após a morte, sobretudo uma vida que não se desalinha à vida ordinária, faz com que a morte seja um elemento comum da prática religiosa cristã. Entretanto, o sentido da morte, especialmente o sentido mais existencial que podemos extrair da mesma, sofre uma forte influência da ideia de que há vida após ela, e uma vida diferenciada da anterior. O cristão que vive em condições ruins pode inclusive transferir suas esperanças de libertação para a vida que o espera após a morte, pois o cristão deve esperar a vitória sobre a morte:

¹ Profissão de fé atribuída aos primórdios do cristianismo, mas amplamente utilizada nas liturgias de diversas igrejas cristãs até os dias de hoje.

Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: “A morte foi destruída pela vitória. Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Cor. 15: 54-57).

Lutero afirma com severidade seu posicionamento sobre a condição para a salvação:

Assim, para sua salvação, ninguém que seja cristão tem necessidade de obra alguma, de mandamento algum. Ao contrário, está livre de todos os mandamentos, e tudo quanto faz o pratica em total liberdade e gratuitamente, sem jamais buscar seu próprio proveito ou salvação – pois já está satisfeito e bem-aventurado através de sua fé e da graça de Deus –, mas tão-somente para agradar a Deus (LUTERO, 2009, p. 35).

Não podemos os enganar ao lermos o trecho supracitado de Lutero pensando que todo tipo de comportamento é aceitável em seu cristianismo. Pelo contrário, os comportamentos do cristão são derivados de sua salvação, de modo que o reformador desacredita na eficácia da obra enquanto repetição, depositando suas esperanças no bom comportamento derivado da condição da graça.

João Calvino, em sua supra-valorizada noção de ampla predestinação afirma que:

Não há, entre nós, ninguém que não lute apaixonadamente durante todo o curso de sua vida por conseguir a imortalidade celestial; nem ninguém que não trate de alcançá-la. Realmente estamos envergonhados de não sermos melhores que os animais cuja condição, em absoluto, não seria inferior à nossa se não fosse pela esperança da eternidade depois da morte (CALVINO, 2003, p. 59).

E complementa dizendo que:

É terrível que muitos que se orgulham de ser cristãos, em vez de desejarem a morte, estão cheios de medo que até tremem só com a sua menção, como se fosse a maior calamidade que pudesse cair sobre eles [...] se recordarmos que por meio da morte somos chamados de volta do exílio ao nosso verdadeiro lugar, não se encherá o nosso coração de consolação?” (CALVINO, 2003, p. 66).

Com tal comentário Calvino evidencia a crença cristã na vida após a morte e a consequência de tal esperança para sua própria noção de vida e morte.

A coragem de morrer: morte entre o amidismo e o cristianismo

Agora chega o momento de se relacionar diretamente à ideia de morte contida no budismo amidista e no cristianismo. Essa comparação será feita a partir da relação entre dos textos que podem retratar ainda que de maneira caricata a semelhança entre a morte em Cristo e a morte em Amida.

Primeiramente vejamos o sutra amidista:
quem concebe o desejo do despertar
quem escuta meu nome,
quem direciona seu coração para renascer em minha Terra Pura, e me mantém na mente com fé firme,
está seguro de me encontrar diante de si em plena comitiva e glória no momento de sua morte, assim a morte deve se dar completamente livre de ansiedade (Sutra da vida imensurável).

Esse sutra mostra de maneira simples quais são as condições para que haja o renascimento na Terra Pura e como será tal acolhida feita pelo Buda Amida. É necessário o desejo de despertar, o ouvir do nome, o direcionamento do coração e a manutenção da fé firme. Para as diversas linhas do budismo Terra Pura são tais atitudes que se encontram implícitas na prática recitativa do Nembutsu. Assim, quem pratica o Nembutsu não deve morrer em ansiedade, mas na tranquilidade, sabendo que será bem recebido na Terra Pura do Buda Amida.

Já no texto evangélico atribuído a João a crença em Jesus é colocada como condição de vida apesar da morte: “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá;” (João 11:25).

A promessa de Jesus no texto de João se torna interessante na medida em que se entende que esse trecho do evangelho está justamente falando da relação do próprio Jesus com a morte. Entende-se que a narrativa sobre a ressurreição de Lázaro tenha

servido justamente como mote para o discurso sobre a potência de vida que Jesus requiere para si. Mlakuzhyil (2011, p.462) aponta que os capítulos 11 e 12 do texto de João possuem núcleo narrativo próprio, e que existe uma subseção própria entre os versos 17 e 37 do cap. 11 na qual a afirmação de Jesus sobre a vida apesar da morte para aqueles que creem nele está contida. Resta apenas a dúvida sobre o termo grego utilizado no texto *aphotanê* (*αποθανη*), que o autor Mlakuzhyil considera com sentido mais figurativo – quiçá metafórico – do que literal.

No cenário específico da narrativa literária do livro do Apocalipse atribuído a João percebe-se referências diretas ao pós-morte no evento do juízo final. Tal evento se daria da seguinte maneira: “O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito” (Apocalipse 20:13). Tal evento levaria ao juízo final, que separaria aquele destinados à vida eterna daqueles destinados à morte eterna. Após tal separação faz-se a promessa: “Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou” (Apocalipse 21:4). A promessa de que não haverá mais morte (nesse caso o texto apresenta o termo *thanatos θανατος*) implica na compreensão de que existem dois momentos, o primeiro é o composto pelo cosmos ordinário temporal no qual estamos incluídos e do qual participamos e um segundo que é um cosmos centrado na figura de Cristo, que é a própria vida. Há, portanto, uma superação da noção de vida tal qual ela é. A promessa de uma nova vida se faz, mas não se sabe muita coisa sobre ela, sabe-se apenas que não contará com os mesmos infortúnios da vida presente.

A superação da vida tal qual ela é pode se aproximar da noção de saída de Samsara, do ciclo contínuo de reencarnações. Atingir o Nirvana, iluminar-se, significa justamente deixar de estar vinculado com o ciclo de nascer e morrer. Pouco se sabe também sobre o que é o Nirvana positivamente, mas sabe-se que ele implica na saída da necessidade de novo nascimento e nova morte. A iluminação é a participação do estado Buda, é o

tornar-se Buda. Assim, tanto a promessa de viver uma categoria diferente de vida em Cristo após o juízo final quanto viver uma categoria diferente de vida no estado Buda após o nascimento na Terra Pura são formas últimas com as quais se pode lidar com a morte na esperança de vida posterior.

Próxima à temática da morte e trazendo a discussão para seu âmbito mais teológico está a temática da salvação. Mesmo o budismo amidista não sendo um movimento messiânico a rigor, existe em sua teologia uma significativa noção de esperança salvífica no Buda Amida. Tal salvação é dependente da busca daquele que a deseja:

A salvação não é incondicional, ela depende de nosso próprio movimento em sua direção. É como se fosse a pipa de Bem Franklin. Há uma energia tremenda lá em cima no ar, mas não podemos nunca dominar essa energia se não fizermos o perigoso esforço de levantar nossa pipa na chuva de raios. Então, pelo fato de conseguirmos fazer isso, a energia é canalizada por nossos esforços débeis e podemos guardar tal energia num recipiente (BECKER, 2008, p. 79).

Becker exemplifica a noção de busca pela salvação no amidismo da Jodo Shu a partir do famoso poema Tsukikage (lit. sombra da lua), do patriarca da ordem, Hōnen Shonin:

não há vila
que a sombra da lua
não alcance.
Mesmo assim, ela só brilha nos corações
daqueles que a contemplam (Hōnen, tsukikage)².

O brilho/sombra da lua, que é um elemento bastante significativo na mitologia japonesa está sobre todos, mas só alcança o coração daqueles que a contemplam. Essa é a metáfora da salvação/libertação para o budismo da Terra Pura Jodo Shu.

² Na verdade, o poema Tsukikage de Hōnen é passível de diversas interpretações. Ele é utilizado como um canto na escola budista da Terra Pura japonesa Jodo Shu. Em japonês lê-se 月影の いたらぬ里は なけれども 眺むる人の 心にぞすむ (Tsukikage no itaranu sato wa nakeredomo nagamuru hito no kokoro ni zosumu).

A morte interfere não somente nas noções salvífica das religiões, mas também em cada momento do cotidiano de seus religiosos. Paul Tillich, afirma haver uma relação íntima entre a ansiedade final da morte e a ansiedade relativa do destino:

A ansiedade da morte é o horizonte permanente dentro do qual a ansiedade do destino trabalha. Porque a ameaça contra a auto-afirmação ôntica do homem não é só a ameaça absoluta da morte, mas também a ameaça relativa do destino (TILLICH, 1976, p.34).

Quando se compreende como se dá a relação entre morte e destino, ou seja, entre a contingência absoluta da vida e suas contingências relativas, percebe-se que para cada ato, cada modo de se relacionar com seu próprio destino, há também uma relação com a morte. Assim, infere-se que o modo como o indivíduo religioso concebe sua noção de morte pode alterar amplamente sua forma de relacionar com as contingências da vida, com as venturas e intempéries do destino.

A ameaça do não-ser à auto-afirmação ôntica do homem é absoluta na ameaça da morte, relativa na ameaça do destino. Porém a ameaça relativa é uma ameaça só porque em sua base está a ameaça absoluta. O destino não produziria ansiedade inevitável se não tivesse a morte por trás de si. E a morte está por trás do destino e suas contingências, não só no último momento, quando se é expulso da existência, mas em cada momento dentro da existência (TILLICH, 1976, p.35).

Ao mostrarmos como o budismo amidista e o cristianismo em linhas gerais se relaciona com a morte nos preocupamos com as possíveis relações que os indivíduos participantes de tais religiões criam com a ansiedade do destino, ou seja, como se relacionam com as eventualidades da vida. Nesse ponto, por mais que amidismo e cristianismo sejam religiões estruturalmente diferentes, possuem uma base semelhante de esperança no pós-vida. Essa esperança no pós-vida entra na prática da vida cotidiana do indivíduo religioso pela via da relação da ansiedade absoluta da morte com a ansiedade relativa do destino, e assim altera as formas de relação dele com sua própria existência.

Tanto o amidismo quanto o cristianismo lidam com uma noção de “graça”, ou seja, de que a salvação depende em última análise de

uma gratuidade que está para além de si e de seus próprios atos. Cada religião – e suas ramificações – institui regras normativas para o alcance da salvação, mas elas pouco valem sem o pré-estabelecimento de uma vida possível após a vida, seja no céu ou na Terra Pura.

Sobre a crença no pós-vida Paul Tillich afirma:

A crença popular na imortalidade, que no mundo ocidental substitui amplamente o símbolo cristão da ressurreição, é uma mistura de coragem e fuga. Tenta manter a nossa auto-afirmação mesmo em face do se ter de morrer. Porém faz isto pela continuação de nossa finitude, isto é, tendo-se de morrer, infinitamente, de maneira que a morte real nunca ocorrerá. Isto contudo, é uma ilusão e, falando logicamente, uma contradição em termos (sic). Torna sem fim o que, por definição, deve chegar a um fim. A “imortalidade da alma” é um pobre símbolo para a coragem de ser em face do próprio ter de morrer (TILLICH, 1976, p.131).

A crença em algum tipo de vida que se dá após a morte pode ser um elemento alienador quando o símbolo da imortalidade ou da continuidade da vida não simboliza a finitude factual em face da infinitude do Ser-em-si. Portanto, se o indivíduo religioso interpreta sua crença na Terra Pura ou no céu para alguém da abrangência fenomênica de tal imagem simbólica pode acabar fugindo da realidade da morte ao invés de aceita-la por completo. Esse é o elemento de maior aproximação na estrutura da morte e salvação entre o budismo amidista e o cristianismo.

Conclusão

O presente artigo se apresenta muito mais como uma incitação inicial do que como esclarecedor de relações teológicas entre duas religiões. Mesmo assim, a reflexão apresentada acima aponta para uma relação de semelhança entre a esperança de nascimento na Terra Pura e de recepção no céu cristão após o julgamento dos mortos.

Fica pendente para uma análise futura à guisa de continuação do presente artigo a relação entre o fim da Terra Pura, que é o alcance da iluminação e a vida eterna que é prometida aos justos no cristianismo. Também seria passível de análise mais profunda a relação entre graça e fé no cristianismo e no budismo amidista.

Entende-se que, uma vez que se compreende a semelhança da esperança salvífica no cristianismo e no budismo amidista, esse pode ser

o ponto de partida para um diálogo inter-religioso que possa traduzir hermeneuticamente os elementos e símbolos religiosos específicos sem deturpar o sentido dos mesmo em última instância, ou seja, propõe-se a possibilidade de um diálogo inter-religioso para além da objetividade das estruturas culturais, ressaltando o sentido existenciais das mesmas para o indivíduo religioso.

Referências

BECKER, C. Embracing the Pure Land vision: coming to Grips with Dying through Living. In: WATTS J.; TOMATSU, Y. **Never die alone: Death as a birth I Pure land Buddhism**. Tokyo: Jodo Shu Press, 2008.

BRAZIER, D. Freedom to die: approaching Amida in a State of Grace. In: WATTS J.; TOMATSU, Y. **Never die alone: Death as a birth I Pure land Buddhism**. Tokyo: Jodo Shu Press, 2008.

CALVINO, João. **A verdadeira vida crista**. 3 ed. São Paulo: Novo Século, 2003.

LUTERO, Martim. **Da liberdade cristã**. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

MLAKUZHYIL, George. **The Christocentric Literary Structure of the Fourth Gospel**. 2 ed. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2011.

MACHIDA, Soho. **Renegade Monk: Honen and Japanese Pure Land Buddhism**. California: California Press, 1999.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. São Paulo: Paz e terra, 1976.